

K. Relato de uma busca, de Bernardo Kucinski: a agonia e o reviver do trauma na literatura brasileira

K. Relato de uma busca, by Bernardo Kucinski: The agony and reliving the trauma in Brazilian literature

Pâmela Leão Freire¹, Maria Edinara Leão Moreira¹

¹ Universidade Federal de Santa Maria^{ORCID}, Santa Maria, RS, Brasil

RESUMO

No presente artigo far-se-á uma análise hermenêutica do conto “As cartas à destinatária inexistente” que integra o romance *K. Relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski. Procurou-se evidenciar a constante rememoração do trauma e, num panorama geral, o agônico estado de busca de um pai por sua filha, desaparecida política na ditadura militar brasileira. Nesse sentido, tem-se como pano de fundo o entrecruzamento de aspectos sociais de um regime opressivo no Brasil com a memória gerada pelo trauma e o esquecimento social desse período ditatorial. Também, buscou-se evidenciar a estética do romance utilizada pelo autor para dar ênfase ao sujeito agônico em seu aspecto traumático. Para isso, utilizaram-se como referencial teórico estudiosos como: Márcio Seligmann, Enrique Padrós e Nelly Richard.

Palavras-chave: Romance, Estética, Agonia, Trauma.

ABSTRACT

In this article, a hermeneutic analysis will be made of the short story “As cartas à destinatária inexistente” which is part of the novel *K. Relato de uma busca*, by Bernardo Kucinski. We tried to highlight the constant remembrance of the trauma and, in a general panorama, the agonizing state of a father's search for his daughter, politically missing during the Brazilian military dictatorship. In this sense, the background is the intersection of social aspects of an oppressive regime in Brazil, as well as the memory generated by the trauma and the social oblivion of this dictatorial period. Also, we sought to highlight the aesthetics of the novel used by the author to emphasize the agonizing subject in his traumatic aspect. For the undertaken analysis will be used as theoretical foundation: Márcio Seligmann, Enrique Padrós and Nelly Richard.

Keywords: Romance, Aesthetics, Agony, Trauma.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo tem como proposta desenvolver uma análise hermenêutica sobre a agônica rememoração do trauma na narrativa *K. Relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski. A análise será feita a partir do conto *As cartas à destinatária inexistente*. Neste viés, procurou-se analisar quais são os procedimentos literários de que o autor fez uso para tornar a narrativa crítica de um sistema massacrador de pessoas. Também, buscou-se descrever o aspecto traumático em que o narrador se encontra num contexto pós-ditadura militar e, também, a incessante investigação pelo paradeiro de Ana Rosa, irmã do autor do romance e filha da personagem K.

Desse modo, a pesquisa busca mostrar a narrativa contemporânea de Bernardo Kucinski como um veículo de relação explícita com as práticas sociais vivenciadas na ditadura militar. Assim como busca desvendar a forma ímpar com que o autor conduz a narrativa, trazendo ficcionalidade a um nefasto período histórico do país. Esta proposta de trabalho é relevante pois a narrativa de Kucinski, ao apropriar-se do sujeito agônico e traumatizado, captura a representação de um sujeito fragmentado que busca encontrar vestígios da filha viva ou morta. O sujeito que Kucinski expõe no romance, por vezes, toma a voz do pai que está à beira do colapso, no limiar da insanidade, revivendo o trauma da lacuna deixada pelo desaparecimento da filha.

Nesse sentido, apreciar a narrativa que evidencia o trauma é uma forma de desvendar as obscuridades humanas, identificar as faltas que atravessam a personagem e os transbordamentos da narrativa. A contemplação da escritura do autor concebe um romance de sentidos múltiplos e nos convida a apreciar todas as particularidades características das estratégias ficcionais utilizadas. O estudo da

literatura nos propicia buscar compreender melhor a natureza das representações do sujeito em sua complexidade e da busca pela sobrevivência e ressignificação de vida pós-trauma.

A metodologia deste trabalho, de cunho analítico e bibliográfico, será realizada a partir de uma análise hermenêutica de pressupostos teóricos acerca do tema escolhido. Assim, faz-se necessária uma abordagem teórica com os escritos de Seligmann-Silva (2000), em *A História como trauma*; Padrós (2001), em *Usos da memória e do esquecimento na História*; e Richard (2002), em *Citar a violência: a rotina oficial e as convulsões do sentido*, a fim de evidenciar aspectos importantes da narrativa de Bernardo Kucinski num viés literário.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O romance *K. Relato de uma busca* se inicia com uma advertência do autor ao leitor: “Tudo neste livro é invenção, mas quase tudo aconteceu” (KUCINSKI, 2014, p. 8). Essa escolha de Bernardo Kucinski nos alerta para o que se segue nas próximas páginas. O romance narra a agônica procura de um pai por sua filha, Ana Rosa, Professora Doutora no curso de Química da Universidade de São Paulo – desaparecida política na ditadura militar do Brasil.

O jornalista Bernardo Kucinski, segundo a crítica, sabiamente modificou a cena da Literatura brasileira contemporânea com esse romance, lançado originalmente em 2011. O autor destaca, de uma forma inovadora, um romance com um viés traumático, principalmente pelo modo como descreve a agonia de um pai, a personagem K., atrás dos rastros ou dos restos mortais de sua filha. A narrativa se divide em contos curtos que se interconectam na ideia central do romance. Pode-se dizer que vemos *flashes* de uma busca que prende o leitor e, ao mesmo tempo, não oferece nenhum descanso ou alento.

O romance de Bernardo Kucinski apresenta ao leitor uma amostragem do horror vivido na ditadura militar. Pessoas desaparecidas, torturadas e

amedrontadas pela ideia opressiva de um regime extremamente autoritário e violento. Kucinski evidenciou um aspecto da condição humana exacerbando seu caráter traumático e agônico. Esse caráter, ao longo da narrativa, vai aumentando, dando a sensação de desesperança e de revolta. Além disso, o autor entremeia vozes, mostrando também a face dos torturadores e dos oficiais em seu contexto sistemático enquanto organização política.

A narrativa é um romance desmontável, com capítulos curtos, mas com intensa desacomodação. *K. Relato de uma busca* é daqueles livros que todos deveriam ler, pois retrata com maestria o colapso em que vivem as vítimas sobreviventes da ditadura, essa que tanto nos esforçamos, enquanto sociedade, para apagar da memória ou amenizar sua lembrança.

Dessa forma, não se pode falar da narrativa *K. Relato de uma busca* sem mencionar a memória. Para Richard (2002, p. 77) “a memória é um processo aberto de reinterpretação do passado, que desfaz e refaz seus nós, para que se ensaiem novamente os acontecimentos e as compreensões”. A memória, então, revira o elemento estático do passado, evidenciando novas definições que colocam sua lembrança para se movimentar. A memória é mutável e os sujeitos que vivenciaram eventos traumáticos têm uma maior probabilidade de reformular esses eventos, fragmentando-os e ressignificando-os. Sendo assim, “é a laboriosidade desta memória insatisfeita, que não se dá nunca por vencida, o que perturba a vontade de sepultamento oficial da lembrança, vista simplesmente como depósito fixo de significações inativas” (RICHARD, 2002, p. 77).

No contexto histórico brasileiro, a constituição da subjetividade é marcada pela exploração sistemática da estrutura social, de formação opressiva e autoritária. O pai, denominado K., é a representação da obstinação e da revolta, sobrevivendo à sombra de uma espera, exausto e sem perspectivas concretas. Diversas vezes iludido por pistas falsas do paradeiro de sua filha, o pai se vê num labirinto sem saída e tem como única alternativa o viver para buscar.

De acordo com Seligmann-Silva, a literatura do século XX foi em grande parte marcada pelo seu presente traumático. Na narrativa de Kucinski, a filha desaparecida explicita a capacidade do sistema esmagador de levar o sujeito a um colapso. Seligmann-Silva (2000) observa que, de acordo com a psicanálise, a incapacidade de recepção de um evento que vai além dos limites da percepção humana, torna-se para os sujeitos algo sem-forma, constituindo assim o trauma.

Em uma sociedade marcada pela experiência da destruição e do autoritarismo, o trauma se torna um elemento constitutivo da formação social. Para o autor, ao ultrapassar nossos mecanismos de absorção e atribuição de legibilidade aos eventos, o trauma ultrapassa nossas referências de concepção de forma. Ainda de acordo com Seligmann-Silva (2000), a literatura está na vanguarda da linguagem, pois ela nos ensina a jogar com o simbólico, com as suas fraquezas e artimanhas; ela é marcada pelo real e busca caminhos que levem a ele, procurando assim estabelecer vasos comunicativos com ele.

Destaca-se ainda que o elo comunicativo do romance focaliza as relações que se estabelecem entre a interioridade de K., seus pensamentos, memórias e sonhos, e o mundo exterior. O autor, na maioria das vezes, assume a voz do pai, um judeu que veio ao Brasil fugido da Polônia, durante a Segunda Guerra. K. se sente culpado pelo desaparecimento da filha e também por não saber no que Ana Rosa estava envolvida, constitui-se então uma personagem que personifica a dor. A falta de proximidade com a filha aumenta a agonia do pai que busca a verdade e, ao mesmo tempo, traz as memórias de um passado que se revela incógnito pela falta lembranças dos últimos anos que antecederam o fatídico desaparecimento.

3 AS CARTAS À DESTINATÁRIA INEXISTENTE E A REMEMORAÇÃO DO TRAUMA NA NARRATIVA

O primeiro conto do romance, *As cartas à destinatária inexistente*, se diferencia dos demais pelo emprego do registro do local e da data, "São Paulo, 31

de dezembro de 2010". Esse elemento de realidade faz pensar na dureza dos números. Números que evidenciam o transcurso do tempo – mais de três décadas sem Ana Rosa.

No conto, Ana Rosa é apresentada aos leitores como desaparecida no dia 22 de abril de 1974; a partir da menção à Ana Rosa, o autor expõe a angustia do pai pelo recebimento de cartas destinadas à filha. A fim de angariar clientes, a companhia que envia as cartas oferece um serviço financeiro, tudo para facilitar a vida da destinatária: “um novo cartão de crédito, válido em todos os continentes, ideal para reservar hotéis e passagens aéreas; tudo o que ela hoje mereceria, se sua vida não tivesse sido interrompida” (KUCINSKI, 2014, p. 7).

Nesse conto, é perceptível que o sistema funciona como um reafirmador do trauma. Cada vez em que enviam cartas à destinatária inexistente, rememoram o trauma de sua partida abrupta e violenta ocorrida no período da ditadura militar no Brasil.

Sempre me emociono à vista de seu nome no envelope. E me pergunto: como é possível enviar reiteradamente cartas a quem inexistente há mais de três décadas? Sei que não há má-fé. Correio e banco ignoram que a destinatária já não existe; o remetente não se esconde, ao contrário, revela-se orgulhoso em vistoso logotipo. Ele é a síntese do sistema, o banco, da solidez fingida em mármore; o banco que não negocia com rostos e pessoas e sim com listagens de computador. (KUCINSKI, 2014, p. 7).

O sistema, na narrativa, cumpre seu papel; o banco que despersonaliza vidas ainda traz o lembrete da falta que Ana Rosa traz aos familiares. A escolha das palavras utilizadas pelo autor evidencia a frieza e impessoalidade das grandes instituições. Em um fardamento de “vistoso logotipo”, o banco “da solidez fingida em mármore” envia sua marca para negociar com um número na listagem do computador. O narrador, por outro lado, com os olhos fixados no nome e sobrenome da filha impressos no envelope, sente-se novamente invadido por sua lembrança e pela culpa por sua incapacidade de encontrá-la.

Nesse sentido, Seligmann-Silva (2008, p. 75) afirma que “o sobrevivente vive o sentimento paradoxal da culpa da sobrevivência”. Esse tormento é nítido e o negacionismo do sistema imprime essa perversidade social, porque toca no sentimento de irrealidade da situação vivida. Ana Rosa tornou-se um número entre tantos desaparecidos, mas não se solidificou em estatísticas de cadáveres encontrados. Ela está morta? Desaparecida? Não se sabe. Dúvidas angustiantes. Para as instituições financeiras, ela ainda vive e pode usufruir de viagens em lugares paradisíacos. Para Seligmann-Silva (2008), o apagamento dos lugares e das marcas das brutalidades corresponde àquilo que posteriormente também tende a se afirmar: não foi verdade. “A resistência quando se trata de se enfrentar o real parece estar do lado do negacionismo. Este sentimento comum mora no próprio sobrevivente e o tortura, gerando uma visão cindida da realidade” (Ibid., p. 75).

Em *As cartas à destinatária inexistente*, o sentimento paradoxal do narrador se evidencia nas suposições que ele faz, na imaginação de um final menos trágico. Kucinski se questiona se Ana Rosa poderia ter dado o seu antigo endereço para encobrir seu paradeiro real, estando ela em algum refúgio secreto.

Por que meu antigo endereço? Imaginei que num daqueles momentos incertos de fugas e dissimulações, de esquinas dobradas às pressas, ela tivesse dado ao banco o meu endereço para não ter que dar endereços outros, genuínos mas proibidos; fiquei imaginando em que etapa da tragédia em gestação isso aconteceu, que outro endereço possuía ela então, ou que outros endereços no plural, pois, como depois vim a descobrir, eram muitos, achando que com isso ludibriaria o destino. (KUCINSKI, 2014, p. 8).

Esses pensamentos não se prolongam tanto quanto suas perguntas sem respostas. A aceitação vem à tona e cobre o espaço dos questionamentos que, a essa altura, não podem mudar o destino fatal de Ana Rosa.

O carteiro nunca saberá que a destinatária não existe; que foi sequestrada, torturada e assassinada pela ditadura militar. Assim como o ignorarão antes dele, o separador das cartas e todos do seu entorno. O nome no envelope selado e carimbado como a atestar autenticidade, será o registro tipográfico não de um lapso ou falha do computador, e

sim de um mal de Alzheimer nacional. Sim, a permanência do seu nome no rol dos vivos será, paradoxalmente, produto do esquecimento coletivo do rol dos mortos. (KUCINSKI, 2013, p. 8)

Nesse sentido, o esvaziamento da memória se encarrega de atenuar as marcas da violência. O “Alzheimer nacional” faz parte da engrenagem sistemática da brutalidade, e o esquecimento coletivo esvazia nomes, pessoas e ideias. Para Richard (2002, p. 77-78), essas marcas de violência permaneciam aderidas nas palavras usadas para nomear os conflitos da lembrança, a fim de reduzir, eufemisticamente, a gravidade do sentido contido na dramaticidade dos fatos. Para o autor, o intuito seria de diminuir o horror e fazer com que nada se apresentasse como intolerável, insofrível, e que esses eventos não colocassem a perder as celebrações oficiais do corriqueiro. A inofensividade dos nomes, sua permissividade banal, vale-se hoje de palavras esvaziadas.

Para Padrós (2001, p. 88), houve na América Latina pós-ditadura um esforço das autoridades contra o “lembrar”, em favor do esquecimento acelerado. Dessa maneira, o não-dito, o esquecimento oficial sobre os desaparecidos induz a uma exclusão histórica que se molda para o apagamento dessas pessoas. O período de ditadura no Brasil não rendeu significativas produções cinematográficas, nem literárias. Essa elipse acabou constituindo um grupo de “sem-memória”, ou melhor, “sem registro” em nossa história.

A memória é seletiva; não há memória sem esquecimento. Mas não se pode esquecer o que se desconhece. Para que a memória tenha significado deve esquecer a maior parte do que viu. É a condição básica do fato de lembrar o poder esquecer, classificar, combinar e destacar lembranças. Para esquecer, entretanto, devemos conhecer. Se conhecemos, lembramos. Se lembramos, podemos esquecer, podemos exercer o direito da opção de esquecer. Este é o problema dos familiares dos desaparecidos (PADRÓS, 2001, p. 88).

No que se refere a um período de ditadura militar, há um esforço para o esquecimento, mas como lidar com a possibilidade de esquecer fatos que são, ainda, nebulosos na memória nacional? Em tempos que a população brasileira

pede a volta da ditadura, as afirmações de Padrós se confirmam. É nítido que não se pode esquecer o que se desconhece e, quando se almeja a falta de liberdade e brutalismo, deparamo-nos com um problema de falta de memória e desconhecimento histórico.

No conto analisado, *As cartas à destinatária inexistente*, a atitude de Kucinski, enquanto narrador, beira à rebeldia, pois, vítima da impotência, ele confronta o fatalismo, para reduzir, provisoriamente, sua penúria. O sujeito desnorteado revela o movimento de sua vontade: ora assume em si a realidade circundante, subjetivando-a, ora se projeta sobre ela, autossugestionando-se em uma ideia fixa. O fundamental, nesse sentido, sempre está dado no seu confronto direto com o real.

O leitor de Kucinski acompanha o transcurso do narrador pelo olhar dele; os locais pelos quais ele transita deformam-se: imagens fragmentadas correspondem às tensões experimentadas em seu íntimo, e que se desenham como figuras refletidas em um espelho anamórfico. O narrador é atormentado por pensamentos e indagações que ressoam em sua cabeça, evidenciando seu aspecto traumático, como podemos verificar no trecho abaixo:

Se ela não tinha esse endereço, quem o deu ao sistema? Mistério. Como teria seu nome se colado ao meu endereço, nessa nebulosa da internet, na qual nada é deletado? O mais provável é que eu mesmo tenha associado nome a endereço; será quando requeri a declaração de ausência? Será quando pedi ao advogado que desse trâmite ao espólio? Será quando exigi da universidade a revogação do ato ignóbil de sua expulsão por abandono de função? Nunca saberei quando isso aconteceu. Sei que as cartas à destinatária ausente continuarão a chegar. (KUCINSKI, 2014, p. 8).

O aspecto angustiante acentua-se em seu percurso diário. A sua existência converte-se em um estafante exercício voltado a tapar as lacunas criadas pela falta de Ana Rosa. O narrador se vê alienado em relação a um fluxo temporal. Perde-se assim no seu próprio percurso cronológico:

Essa casa ela nunca conheceu. Fiz a contagem dos tempos e descobri que já haviam transcorrido seis anos de seu desaparecimento, quando compramos a desgastada casa de velhos imigrantes portugueses. Não, ela nunca conheceu a nossa casa. Nunca subiu os degraus íngremes do jardim da frente. Nunca conheceu meus filhos. Nunca pôde ser a tia de seus sobrinhos. Eu sempre lamentei em especial essa consequência de tudo o que aconteceu (KUCINSKI, 2014, p. 8).

Contudo, Kucinski em seu romance conseguiu traduzir de modo excepcional os resultados existenciais de uma eterna busca para suprir as necessidades mais elementares de sobrevivência: um sentido para viver. Sendo assim, Kucinski atinge nuclearmente essa questão e constrói uma trama da busca, denunciando ainda como esse fato acarreta no processo de perturbação constante desse indivíduo. Daí a constituição psíquica da personagem que busca incessantemente a verdade que lhe falta, convertendo sua penúria cotidiana em uma situação existencial.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A originalidade do romance contemporâneo *K. Relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski, pode ser examinada a partir das diversas vozes usadas para tentar narrar o inenarrável. Na maior parte do romance, Kucinski assume a voz do pai de Ana Rosa, denominado K., porém no conto analisado: *As cartas à destinatária inexistente*, o autor fala por si, fala da fraternidade decepada antecipadamente. A descrição do absurdo como uma manifestação literária traz a ficção como um veículo a serviço da revisão histórica nacional. Kucinski inteligentemente descreve eventos reais buscando revesti-los de ficcionalidade. A invenção ancorada no real traz à tona o gosto amargo da repressão e da ditadura.

A narrativa, por fim, evidencia uma situação traumática, agônica, que foi, por muitas vezes, silenciada na literatura brasileira. O romance representa a voz de muitos sobreviventes que perderam entes queridos e que são engolidos por um sistema opressor. O romance desmontável de Bernardo Kucinski soube capturar a essência dos sujeitos envolvidos no brutalismo da ditadura militar, evidenciando o

indivíduo traumatizado, cíclico e agonizante. Dessa maneira, a narrativa proporciona ao leitor um acesso diferente do registro histórico sobre esse período da história do país.

REFERÊNCIAS

KUCINSKI, B. **K. Relato de uma busca**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

PADRÓS, E. S. Usos da memória e do esquecimento na História. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 22, p. 79-95, 2001. DOI: <https://doi.org/10.5902/2176148511826>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11826>. Acesso em: 15 maio 2022.

RICHARD, N. Citar a violência: a rotina oficial e as convulsões do sentido. *In*: RICHARD, N. **Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p. 75-92.

SELIGMANN-SILVA, M. A história como Trauma. *In*: SELIGMANN-SILVA, M.; NESTROVSKI, A. (org.). **Catástrofe e Representação**. São Paulo: Escuta, 2000. p. 73-98.

SELIGMANN-SILVA, M. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/5SBM8yKJG5TxK56Zv7FgDXS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 maio 2022.

Contribuição de autoria

1 – Pâmela Leão Freire

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-1033-5050> • pleaofreire@gmail.com
Contribuição: Autor

2 – Maria Edinara Leão Moreira

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil
<https://orcid.org/0009-0007-8024-1646> • edinaraleao1@gmail.com
Contribuição: Autor

Como citar este artigo

FREIRE, P. L.; MOREIRA, M. E. L. K. Relato de uma busca, de Bernardo Kucinski: a agonia e o reviver do trauma na literatura brasileira. **Revista Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, v. 41, e70322, p. 1-11, 2023. DOI 10.5902/1679849X70322. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1679849X70322>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.